

Bom dia, eu me chamo Hosandinho Charles dos Santos, tenho 34 anos, sou indígena da etnia Galibi-Marworno, atualmente eu moro na aldeia Tukay, no KM-92 da BR-156, na Terra Indígena Uaçá, estado do Amapá. Sou formado na área da saúde, no Curso Técnico em Enfermagem, e sou graduando do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), no Campus Binacional de Oiapoque. Hoje eu estou trabalhando como técnico em enfermagem na minha própria comunidade, onde fica o posto central de saúde que dá atendimento a mais quatro comunidades que também se localizam na BR-156 e fazem parte da minha área de trabalho.

Como técnico de enfermagem diante dessa pandemia da Covid-19, eu posso dizer que a gente sentiu muita dificuldade. A gente estava triste, pensando como seria a chegada desse vírus na nossa comunidade. Eu fiz o máximo como técnico para estar sempre orientando e sensibilizando as comunidades em que eu trabalho sobre a utilização de máscara e a utilização de álcool em gel. Como eu trabalho com cinco aldeias, acredito que a visita foi essencial nesses tempos de pandemia, a gente não podia ficar de mãos, de braços cruzados... Era preciso orientar, passar as informações para a comunidade, orientações de prevenção da COVID-19. A gente sentiu muita dificuldade na questão do isolamento social, na quarentena nas aldeias. Eu observei muito isso, tinha entrada e saída de pessoas nas aldeias, e isso dificultou muito o nosso trabalho como técnico e facilitou, com certeza, a entrada do vírus nas nossas comunidades. Foi muito difícil sensibilizar as pessoas a usar máscaras, álcool em gel, a estarem nas suas comunidades, é uma das maiores dificuldades que eu ainda estou sentindo como profissional.

A contaminação chegou aqui na BR primeiro pela aldeia Samaúma, que é uma comunidade que fica no KM-83. Quando chegou nessa aldeia teve um surto de febre de uns 14 a 15 dias. Não foi durante a minha escala, eu não tinha como visitar, essa comunidade passou por momentos muito difíceis. Depois chegou na Aldeia Tukay, no mês de maio, através de uma senhora que veio do município de Oiapoque e que tinha realizado uma cirurgia cesariana. Entrei em contato com ela diretamente por causa dos curativos, por causa da limpeza que eu precisava fazer na cirurgia. Então eu peguei o vírus e, com certeza, eu coloquei a minha família em risco, todas as pessoas que vivem comigo na minha casa, esse foi um momento muito triste para mim como profissional.

Quando o coronavírus chegou na minha aldeia disseminou muito rápido na comunidade e todo mundo, praticamente, ficou sem saber o que fazer, porque eu sou o técnico e estava doente, estava com febre constante, eu não podia atender o meu pessoal da comunidade e também as pessoas das outras comunidades. Logo depois o vírus apareceu na aldeia Anawerá, também com um surto de febre muito grande nessa comunidade. Eu estava de escala nesse momento e a gente tinha que fazer o máximo para tentar ajudar as pessoas, graças a Deus na aldeia Samaúma e na aldeia Anawerá os pacientes não evoluíram para um quadro mais grave de Covid-19.

Na aldeia Tukay a situação foi mais difícil para as pessoas que sofriam de problemas pulmonares e doenças crônicas como a hipertensão e diabetes. Nossa preocupação era maior com essas pessoas de risco, minha preocupação era como iria ficar o estado clínico dessas pessoas se pegassem COVID. A gente sabe que isso não depende tanto da pessoa, mas depende muito do sistema imunológico da pessoa, foi o que eu percebi durante esses casos de febre que deu nas pessoas.

O meu pai foi uma pessoa que não conseguiu resistir ao coronavírus porque já sofria problemas pulmonares antes, então, quando ele pegou o COVID, a situação dele ficou mais grave ainda, eu tive que referenciar ele para o Oiapoque, para o atendimento mais adequado, mas ele não resistiu. Assim como também uma criança que é saíu da aldeia Tukay, uma criança de 4 anos que estava com o diagnóstico de leucemia. Ele saiu daqui com o diagnóstico, quer dizer, com uma impressão diagnóstica, mas foi feito os exames em Belém e deu positivo para leucemia, mas quando ele pegou o COVID-19 não conseguiu resistir, são esses pacientes que fazem parte da minha área que não conseguiram resistir.

Hoje, graças a Deus, está tudo um pouco calmo, as comunidades, praticamente, já estão se recuperando. As vezes alguém apresenta dificuldades para respirar, mas a gente já tem uma prática de como lidar com esses pacientes, e é muito importante o nosso trabalho como profissional de saúde, fazendo o máximo possível para as comunidades indígenas.

O vírus ainda circula nas nossas comunidades e a gente está ciente disso, então a gente sempre tem que continuar a usar máscaras diariamente, higienizar as mãos e se prevenir da melhor forma possível. Isso é uma das orientações que eu passo para as comunidades nas quais eu trabalho. É esse o relato do meu trabalho como técnico e é muito importante o nosso papel diante dessa pandemia, nós, profissionais de saúde, estamos fazendo de tudo para ajudar as nossas comunidades.

Aldeia Tukay, Oiapoque, Amapá, Brasil
25 de agosto de 2020

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Bonjour, je m'appelle Hosandinho Charles dos Santos, j'ai 34 ans, je suis indigène de l'ethnie Galibi-Marworno, actuellement je vis dans le village Tukay, KM-92 de la BR-156, sur la Terre Indigène Uaçá, état de Amapá. Je suis formé dans le domaine de la santé, cours de Auxiliaire en Infirmerie, et j'étudie en Cours de Licence Interculturel Indigène de l'Université Fédérale de Amapá (UNIFAP), sur le Campus Binational de Oiapoque. Aujourd'hui je travaille comme auxiliaire infirmier dans ma propre communauté, où se trouve le poste central qui fait des consultations à plus de quatre communautés qui se situent aussi sur le BR-156 et qui font partie de ma zone de travail.

En tant que auxiliaire infirmier en face de cette pandémie de Covid-19, je peux dire que nous avons connu beaucoup de difficultés. Nous étions tristes, en pensant à comment serait la venue de ce virus dans notre communauté. J'ai fait le maximum en tant que auxiliaire pour avoir toujours orienté et sensibilisé les communautés dans lesquelles je travaille par rapport à l'utilisation de masque et à l'utilisation de l'alcool en gel. Comme je travaille avec cinq villages, je crois que la visite a été essentielle pendant ces temps de pandémie, on ne pouvait pas rester les mains et les bras croisés... On avait besoin d'orienter, de passer les informations à la communauté, des orientations de prévention du COVID-19.

Nous avons connu beaucoup de difficultés en question de l'isolement social, pendant la quarantaine dans les villages. J'ai observé beaucoup cela, il y avait d'entrée et sortie des personnes dans les villages, et ceci a rendu beaucoup plus difficile notre travail en tant que auxiliaire et a faciliter, avec certitude, l'entrée du virus dans nos communautés. Ça été beaucoup difficile de sensibiliser les personnes à utiliser les masques, l'alcool en gel, à rester dans leurs communautés, c'est l'une des plus grandes difficultés à laquelle je fais face en tant que professionnel.

La contamination est arrivée ici sur le BR premièrement par le village Samaúma, qui est une communauté qui se situe sur le KM-83. Quand c'est arrivé dans ce village, il y a eu une épidémie de fièvre qui a duré 14 à 15 jours. Ce n'était pas durant ma garde, je ne pouvais pas aller visiter, cette communauté est passée par des moments très difficiles. Après c'est arrivé dans le village Tukay, pendant le mois de Mai, à travers une dame qui est arrivée de la municipalité de Oiapoque et qui avait réalisé une chirurgie césarienne. Je suis entré en contact avec elle directement à cause des pansements, à cause du nettoyage que je devais faire sur la plaie de la chirurgie. Alors j'ai été contaminé par le virus et, avec certitude, j'ai mis ma famille en danger, toutes les personnes qui vivaient avec moi dans ma maison, ce fût un moment très triste pour moi en tant que professionnel.

Quand le coronavirus est arrivé dans mon village, il s'est propagé rapidement dans la communauté et tout le monde, pratiquement, est resté sans savoir quoi faire, parce que j'étais l'agent de santé et j'étais malade, j'avais une fièvre constante, je ne pouvais pas faire des consultations aux personnes de ma communauté mais aussi aux personnes des autres communautés. Peu de temps après, le virus est apparu dans le village Anawerá, aussi avec une épidémie de fièvre très grande dans cette communauté. J'étais de garde en ce moment et on devait faire le maximum pour essayer d'aider les personnes, grâce à Dieu dans le village Samaúma et dans le village Anawerá, les patients n'ont pas évolué avec un cas grave de Covid-19.

Dans le village Tukay, la situation a été plus difficile pour les personnes qui souffraient de problèmes pulmonaires et de maladies chroniques comme l'hypertension et le diabète. Notre préoccupation était plus grande pour ces personnes de risque, ma préoccupation était comment allait être l'état clinique de ces personnes si elles étaient contaminées par le Covid. Nous savons que cela ne dépend pas tellement de la personne, mais dépend beaucoup du système immunologique de la personne, c'est ce que j'ai constaté durant ces cas de fièvre que les personnes ont eu.

Mon père fût l'une des personnes qui n'a pas pu résister au coronavirus parce qu'il souffrait déjà de problèmes pulmonaires avant, alors quand il a été contaminé du Covid, sa situation s'est aggravée encore, j'ai dû le transférer à Oiapoque, pour un traitement plus adéquat, mais il n'a pas résisté. Ainsi comme un enfant aussi qui est d'ici du village Tukay, un enfant de 04 ans qui avait le diagnostic de leucémie. Il a quitté ici avec le diagnostic, je veux dire, avec une impression diagnostique, mais les examens ont été faits à Belém et c'était positif pour la leucémie, mais quand il a eu le Covid-19 il n'a pas pu résister, ce sont ces patients qui font partie de ma zone qui n'ont pas pu résister.

Aujourd'hui grâce à Dieu, c'est devenu un peu calme, les communautés pratiquement, récupèrent. Parfois quelqu'un présente des difficultés pour respirer, mais nous avons déjà la pratique de comment gérer ces patients, et c'est très important notre travail en tant que professionnel de santé, faisant le maximum pour les communautés indigènes.

Le virus circule encore dans nos communautés et nous sommes conscients de cela, alors nous devons toujours continuer à utiliser les masques tous les jours, hygiéniser les mains et se prévenir de la meilleure forme possible. C'est l'une des orientations que je passe aux communautés dans lesquelles je travaille. Voilà mon récit en tant que auxiliaire et c'est très important notre rôle en face de cette pandémie, nous, professionnels de la santé, nous faisons tout afin d'aider nos communautés.

Village Tukay, Oiapoque, Amapá, Brésil
25 Août 2020

Traduit par Manuela Adèle Fifamè CHOKKI

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Good morning, my name is Hosandinho Charles dos Santos, I am 34 years old, I am a native of the Galibi-Marworno ethnic group. Currently, I live in the Tukay village, on the KM-92 of the BR-156, in the Uaçá Indigenous Land, state of Amapá. I have a technical degree in the Nursing Course, and I have been taking a degree in the Indigenous Intercultural course at the Federal University of Amapá (UNIFAP), at the Binacional Campus of Oiapoque. Nowadays, I have been working as a nursing technician in my own community, where the health center is located, and which receives four more communities located next to the BR-156 highway and that are part of my work area.

As a nursing technician who has been facing this Covid-19 pandemic, I can say that we had a lot of difficulties. We were sad, thinking about the arrival of this virus in our community. I did my best as a technician to always be guiding and raise awareness in the communities with regards to the use of masks and the use of alcohol gel. As I work with five villages, I believe that the visit was essential in this pandemic period, we couldn't stay out of this, with folded arms... It was necessary to guide, pass the information to the community, specially about the COVID-19 prevention guidelines.

We had a lot of difficulties to keep the social isolation during the quarantine in the villages. I noticed this a lot, there were people and going in the villages, and it made our job as a technician even more difficult and it certainly facilitated to the virus get in to our communities. It was very difficult to aware people to use masks, alcohol gel, to stay in their communities, it's one of the biggest difficulties that I have still been facing as a professional.

The contamination got in here through the Samaúma village, which is a community that is located in the KM-83. When it arrived in that village, he had a fever outbreak of about 14 to 15 days. It was not during my work period, so I had no way to visit them. This community went through very difficult times. Afterwards, it arrived at Tukay village, in May, through a lady who came from the municipality of Oiapoque and who had undergone cesarean surgery. I had contact with her directly because of the dressings, and because of the cleaning I needed to do after the surgery. So, I contracted the virus and, for sure, I put my family at risk, all the people who live with me in my house. That was a very sad moment for me as a professional.

When the coronavirus got into my village, it spread very quickly in the community and everyone practically did not know what to do, since I was the technician there and I was sick. I had a constant fever, I could not take care of my community, neither people from other communities. Soon after, the virus came up in the Anawera village, also with a very high fever outbreak in that community. I was in my work period at that time and we had to do our best to try to help people, thank God the patients in the Samaúma village and in the Anawerá village did not evolve to a more serious situation.

In the village of Tukay, the situation was more difficult for those people who have lung problems and chronic diseases such as hypertension and diabetes. Our concern was greater with these people at risk, my concern was how the clinical condition of these people would be if they caught COVID. We know that it doesn't depend on the person so much, but it depends a lot on the person's immune system, that's what I realized during these cases of fever that people had had.

My father was a person who didn't resist the coronavirus because he already had lung problems before, so when he got COVID, his situation got even more serious, I had to transfer him to Oiapoque for a treatment more appropriate, but he didn't resist. As well as a child who is from here, Tukay village. He was a 4-year-old child who was diagnosed with leukemia. He left the city with this diagnosis, I mean, with a superficial diagnostic, but the tests were done in Belém and it tested positive for leukemia, but when he got COVID-19, he couldn't resist, these are the patients from my area who couldn't resist.

Today, thank to God, everything is a little calmer, the communities are practically already recovered. Sometimes someone has difficulties to breathe, but we already have experience on how to deal with these patients, and our work as a health professional is very important, we have been doing as much as possible for the indigenous communities.

The virus still circulates in our communities and we are aware of it, so we always have to continue wearing masks daily, wash our hands and prevent ourselves in the best way. This is one of the guidelines that I give to the people from the communities where I work. This was the report of my work as a technician and our role in this pandemic is very important. As health professionals, we have been doing everything to help our communities.

Tukay Village, Oiapoque, Amapá, Brazil
August 25, 2020

Translated by Gabriel Eudes de Amorim Lima

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Buen día, me llamo Hosandinho Charles dos Santos, tengo 34 años, soy Indígena de la etnia Galibi-Marworno, actualmente vivo en la aldea Tukay, en el Km-92 de la BR-156, en la tierra Indígena Uaçá, Estado de Amapá. Estoy formado en la área de salud, en la carrera de Técnico de Enfermería y estoy graduado en la carrera de Licenciatura Intercultural Indígena de la universidad Federal de Amapá, en el Campus Binacional de Oiapoque. Hoy estoy trabajando como técnico de enfermería en mi comunidad, donde está el puesto de salud que atiende a más de 4 comunidades, que también se encuentran en la BR-156 y forman parte de mi área de trabajo.

Como técnico de enfermería ante esa pandemia de COVID-19, puedo decir que nosotros sentimos mucha dificultad. Estábamos tristes, pensando en cómo sería la llegada de ese virus a nuestra comunidad. Yo hice lo máximo como técnico orientando siempre y sensibilizando a las comunidades en donde trabajo sobre la utilización de mascarillas y alcohol en gel. Como trabajo con 5 aldeas, creo que la visita fue esencial en esos tiempos de pandemia, no podemos estar de brazos cruzados. Era necesario orientar, pasar las informaciones, sobre la prevención del Covid-19 a la comunidad.

Sentimos mucha dificultad en lo referente al aislamiento social, en la cuarentena en las aldeas. Lo observé mucho, había entrada y salida de personas en las aldeas, eso dificultó mucho nuestro trabajo como técnicos y facilitó con seguridad la entrada del virus en nuestras comunidades. Fue muy difícil sensibilizar a las personas a que usen mascarillas, alcohol en gel, a que estén en sus comunidades, es una de las mayores dificultades que todavía estoy sintiendo como profesional.

La contaminación llegó aquí en la BR primero por la aldea Samaúma, que es una comunidad que está en el KM-83. Cuando llegó en esta aldea hubo un surto de fiebre de unos 14 a 15 días. No fue durante mi escala, no tenía como visitar, esa comunidad pasó por momentos muy difíciles. Después llegó en la aldea Tukay, en el mes de Mayo, a través de una señora que vino del municipio de Oiapoque y había realizado una cirugía por cesaria. Entré en contacto con ella directamente por culpa de los remedios, por culpa de la limpieza que tenía que hacer en la cirugía. Entonces me contagió y con seguridad puse a mi familia en riesgo, todas las personas que viven conmigo en mi casa, ese fue un momento muy triste para mí como profesional. Cuando el coronavirus llegó a mi aldea, se diseminó muy rápido en la comunidad y todo el mundo, prácticamente se quedó sin saber qué hacer, porque soy el técnico y estaba enfermo, tenía una fiebre constante, no podía atender a la gente de la comunidad ni de otras comunidades. Después el virus apareció en la tierra Anawerá, también con un surto de fiebre muy grande en esa comunidad. Yo estaba de escala en ese momento y teníamos que hacer lo máximo para intentar ayudar a las personas, gracias a Dios en la aldea Samaúma y en la aldea Anawerá los pacientes no llegaron a un cuadro más grave de Covid-19.

En la aldea Tukay, la situación fue más difícil para las personas que sufrían de problemas pulmonares y enfermedades crónicas como la hipertensión y diabetes. Nuestra preocupación era mayor con las personas de riesgo, mi preocupación era de cómo quedaría el estado clínico de esas personas si superan el Covid-19. Sabemos que eso no depende de la persona, pero depende del sistema inmunológico de la persona, fue lo que percibí durante esos casos de fiebre que aparecieron en las personas.

Mi padre fue una de las personas que no resistieron al coronavirus, porque antes ya sufría con problemas pulmonares, entonces cuando se contagió, su situación se puso así como, tuve que llevarle a Oiapoque, para un atendimento más adecuado, pero él no resistió. Así como un bebé que es de la aldea Tukay, un bebé de 4 años que fue diagnosticado con leucemia. Él salió de aquí con el diagnóstico, es decir con una impresión diagnóstica, pero se hizo los exámenes en Belém y dió positivo de leucemia. Pero cuando se contagió de Covid-19 no resistió, son esos los pacientes de mi área que no aguantaron.

Hoy, gracias a Dios, todo está un poco calmado, las comunidades prácticamente ya se están recuperando. A veces alguien presenta dificultades para respirar, pero ya tenemos una práctica de cómo lidiar con esos pacientes, es muy importante nuestro trabajo como profesional de salud, haciendo lo máximo posible para las comunidades indígenas.

El virus todavía circula en nuestras comunidades y estamos conscientes de eso, entonces tenemos que continuar usando mascarillas diariamente, higienizar las manos y prevenir de la mejor forma posible. Eso es una de las orientaciones que paso a las comunidades en las que trabajo. Ese es el relato de mi trabajo como técnico y es muy importante nuestro papel ante esa pandemia, nosotros los profesionales de salud estamos haciendo de todo para ayudar a nuestras comunidades.

Aldea Tukay, Oiapoque, Amapá, Brasil
25 de agosto de 2020

Traducido por Benjamin Mba Abuy Nfumu

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

